

MEDICINA INTEGRATIVA E O CUIDADO PALIATIVO DO PACIENTE ONCOLÓGICO – RELATO DE CASO

Lígia Mendes Santos¹, Gustavo Fernandes Grillo¹, Tamires Ellen Caraça².

¹Universidade do Vale do Paraíba/Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, ligias@gmail.com, gustavo.grillo@univap.br.

² Médica veterinária autônoma, Rua Mem de Sá, 89, Jd Paulista - 12216-001 - São José dos Campos - SP, Brasil, tamires.ellen@hotmail.com.

Resumo

O diagnóstico de uma doença ameaçadora da vida, como o câncer, pode trazer muito sofrimento à família. É neste momento que os cuidados paliativos ganham importância, através de condutas que, entre outras, visam oferecer cuidados adequados e dignos aos pacientes, prevenindo e aliviando o sofrimento, por meio da identificação precoce, avaliação correta e tratamento da dor e de outros problemas físicos. O objetivo deste trabalho é discutir sobre o paliativismo na veterinária e demonstrar como a medicina integrativa pode ser aplicada no controle da dor e dos efeitos colaterais da quimioterapia, através do relato de caso de um cão, macho, da raça *Golden Retriever*, 8 anos, 34.5Kg, apresentando paresia não ambulatoria, após iniciar tratamento de um linfoma multicêntrico. A acupuntura, a ozonioterapia e a fisioterapia tiveram resultados positivos na qualidade de vida do paciente, pelo alívio da dor, dos outros sintomas debilitantes e da melhora do quadro de paresia. O estabelecimento de vínculo com a família durante as sessões demonstrou ter um aspecto terapêutico, reduzindo a ansiedade e contribuindo para o bem estar familiar.

Palavras-chave: Câncer. Quimioterapia. Paliativismo.

Área do Conhecimento: Ciências da Saúde, Medicina Veterinária.

Introdução

A relação entre humanos e animais de estimação tem se tornado cada vez mais próxima e afetiva, com características de apego, amor e cuidado muito semelhantes às presentes nas relações familiares, assumindo igual importância aos sentimentos direcionados a entes queridos e membros da família, como filhos e irmãos (Cabral e Savali, 2020; Vieira e Cardin, 2017). Neste cenário, Giumelli e Santos (2016) afirmam existir uma crescente preocupação com o bem estar e qualidade de vida dos *pets*, e quando se trata de cuidados médicos, a expectativa dos tutores é que seus animais tenham o atendimento e cuidados similares aos empregados na medicina humana.

O diagnóstico de uma doença ameaçadora da vida, como o câncer, pode trazer muito sofrimento à família. Ferreira (2017) trouxe em seu estudo que, embora tenham esperança de cura da doença, os tutores sentem-se tristes, com medo de ver o sofrimento do seu *pet* com os efeitos colaterais do tratamento escolhido e angustiados com a possibilidade de perda do seu animal de estimação. É neste momento em que os cuidados paliativos ganham importância, através de condutas que visam oferecer cuidados adequados e dignos aos pacientes, prevenindo e aliviando o sofrimento por meio da identificação precoce, avaliação correta e tratamento da dor e de outros problemas físicos, psicossociais ou espirituais. (D'Alessandro *et al.*, 2023)

Alívio da dor, avaliação da qualidade de vida, bem estar emocional do animal, colaboração e consenso com a família e individualidade do paciente, são alguns dos princípios que direcionam o paliativismo na medicina veterinária (Garcia, Gouveia e Beck, 2023), iniciando-se no momento do diagnóstico e seguindo, associado ou não, ao tratamento modificador da doença. Sua importância cresce à medida que a doença evolui, até que, no processo ativo de morte, se torne a única terapêutica possível, continuando após a morte do animal, no suporte ao luto familiar. Devido à complexidade, o ideal é que seja realizado por um médico paliativista especializado, responsável por liderar equipe multidisciplinar e fazer o elo entre tal equipe e família. (Carvalho *et al.*; Shanan *et al.*, 2022)

Shanan *et al.* (2022) reconhece a importância da medicina integrativa nessa equipe multidisciplinar. Associada ou não ao tratamento modificador da doença e condutas alopáticas, tem resultados positivos na qualidade de vida dos pacientes, não só pelo alívio da dor (Monteiro *et al.*, 2022) e outros sintomas debilitantes, mas por ter um aspecto terapêutico para os familiares, reduzindo a ansiedade gerada pela situação vivida com seu animal de estimação.

Diante do exposto, este trabalho traz um relato de um caso, onde a medicina integrativa foi aplicada nos cuidados paliativos de um paciente canino, da raça *Golden Retriever*, em tratamento quimioterápico para um linfoma multicêntrico, com o intuito de trazer à luz a discussão sobre a importância do paliativismo na veterinária e mostrar seu impacto na qualidade de vida do animal e bem estar familiar.

Metodologia

Este trabalho trata-se de um relato de caso, isento da necessidade de aprovação pelos Comitês de Ética, conforme a resolução normativa nº 22, de 25 de junho de 2015, do CONCEA. As informações descritas foram obtidas através da observação e acompanhamento das sessões domiciliares de medicina integrativa, em conjunto com a revisão de prontuário médico e hospitalar, autorizados pelo tutor em Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Buscou-se também, a fim de embasamento científico, a pesquisa por literatura, livros, consensos e artigos acadêmicos originais, publicados entre 2014 e 2024, nos bancos de dados científicos *Google Scholar*, *PubMed* e *Scielo*, com as palavras chaves: relação humano animal, família multiespécie, cuidados paliativos, paliativismo veterinário, dor, dor oncológica e oncologia veterinária.

Resultados

Um paciente canino, macho, da raça *Golden Retriever*, 8 anos, 34.5kg, foi encaminhado pelo médico veterinário oncologista para avaliação no dia 18/10/2022, apresentando um quadro de paresia não ambulatória há 2 meses.

De acordo com histórico médico, o paciente havia começado o protocolo quimioterápico CHOP-19 semanas, para o tratamento de um linfoma multicêntrico, e logo após a 2ª aplicação de Vincristina (0,7mg/m², IV), começou a apresentar claudicação dos membros pélvicos que evoluiu para paresia. Fez uso de medicações analgésicas: cloridrato de tramadol (4mg/kg/VO, TID, por 7 dias), dipirona (25mg/kg/VO TID, por 7 dias) e gabapentina (4mg/kg, VO, BID, uso contínuo), sem melhora do quadro.

Na primeira consulta, além da paresia, o animal apresentava dor à palpação na região da lombar e coxofemoral. O tratamento de escolha foi a acupuntura (Figura 1) e moxa, com objetivo de analgesia local, nos acupontos: bexiga (B)23, B54, B60, vaso governador (VG)4, VG14, *Bai Hui*, vesícula biliar (VB)29, VB30, VB39, fígado (F)3 e rim (R)3. Como os tutores relataram episódios de enjoo e diarreia após a sessão de quimioterapia, também foram incluídos os pontos estômago (E)36, baço-pâncreas (BP)4 e pericárdio (PC)6.

Figura 1 – Jan/23 – Sessão de Acupuntura com os acupontos da região lombar.



Fonte: Arquivo Pessoal (2023).

Os tutores mostravam-se angustiados com o estado do paciente, comparavam com outro animal de estimação que haviam perdido anteriormente, também pela evolução de um quadro de linfoma, e relataram dificuldade no manejo do animal, devido ao peso e por precisar ser levado ao jardim da residência para urinar e defecar. Foram orientados sobre a disponibilização de tapetes antiderrapantes no trajeto e utilização de peitoral e tipoia de toalha para assistência na locomoção.

A partir da 3ª sessão, o paciente estava mais habituado com a acupuntura e somou-se ao protocolo de atendimento, a ozonioterapia. Para analgesia na região lombar, foi realizada aplicação local subcutânea [6ug/ml], e para melhora do quadro clínico geral, foram realizadas fluidoterapia subcutânea com 250ml de Ringer Lactato Ozonizado [37ug/ml] e insuflação retal [6umg/ml].

As sessões seguiram semanalmente, sempre no dia seguinte à administração da quimioterapia. Houve redução da frequência de vômitos e diarreia, o paciente mostrava-se menos reativo à palpação e à locomoção assistida, os tutores relataram melhora no estado geral e no ânimo do paciente, embora ainda mantivesse a paresia.

Com o fim do ciclo de quimioterapia, em 23/12/2022, houve melhora significativa em seu estado geral e em 08/02/2023 exercícios de fisioterapia foram incluídos nas sessões semanais. Na primeira fase, foram realizados exercícios de mobilizações articulares passivas, com objetivo de melhorar a amplitude e a mobilidade articular (Figura 2-A); estímulo da sensibilidade tátil (Figura 2-B), que estava diminuída devido ao desuso; alongamentos, com objetivo de melhorar a amplitude de movimento e diminuir a contração muscular (Figura 2-C); exercícios terapêuticos de estação assistida (Figura 2-D), ainda sem apoiar os membros pélvicos e precisando de sustentação também nos membros torácicos; e exercícios isométricos controlados (Figura 2-E), com objetivo de fortalecimento muscular. A fisioterapia era realizada na parte externa da casa, nos locais onde o animal frequentava antes do quadro de paresia, com petiscos como recompensa, a fim de tornar o momento lúdico e interessante. O objetivo desta fase era a habituação do animal à manipulação e ganho de confiança para realização dos movimentos.

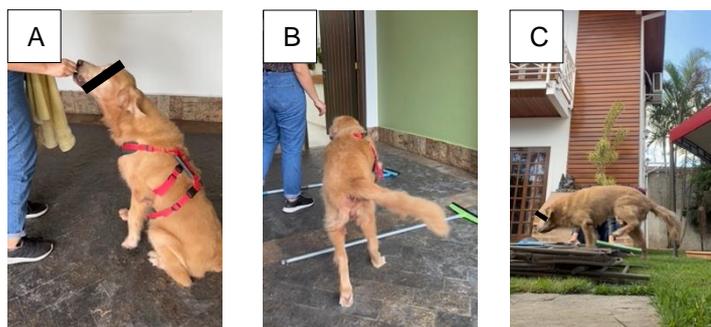
Figura 2 – Fev/23 – Registros fotográficos das primeiras sessões de fisioterapia.



Fonte: Arquivo Pessoal (2023).

Na fase seguinte, foram incluídos ao protocolo exercícios de cinesioterapia e marcha com obstáculos, com objetivo de ganho de massa muscular e melhora de propriocepção. Houve melhora significativa na autonomia de deambulação e propriocepção, como mostrados nos registros da Figura 3. Em março de 2023 o cão demonstrava interesse em realizar os exercícios (Figura 3-A), realizava caminhada com obstáculos com 2 cm de altura, sem necessidade de assistência (Figura 3-B); em abril de 2023, os obstáculos passaram para 10 cm do chão (Figura 3-C); chegando a 25 cm de altura no mês seguinte.

Figura 3 – Evolução na autonomia de deambulação e melhora de propriocepção.



Fonte: Arquivo Pessoal (2023).

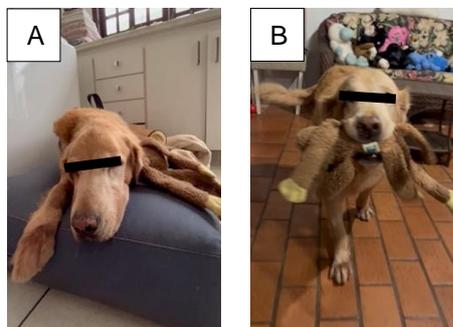
Os exercícios começaram de maneira assistida e após 12 sessões o paciente havia readquirido autonomia de movimentação, sendo capaz de levantar, deitar, caminhar, subir e descer degraus, urinar e defecar sem necessidade de assistência.

As sessões foram mantidas semanalmente, seguindo a rotina de começar com uma anamnese sobre a evolução do paciente, palpação para avaliação de dor, seguindo para a fisioterapia, depois acupuntura, e finalizando com a ozonioterapia. Ao longo das sessões, os tutores relataram a diferença no estado geral do paciente, que estava apático e sem interesse em brincar (Figura 4-A) e voltou a ser ativo e a demonstrar interesse pelo brinquedo (Figura 4-B). Inclusive relataram um episódio em que o animal saiu da residência e foi até a praça ao lado, sendo motivo de comemoração.

Em 20/04/2023, devido à uma recidiva do linfoma, o paciente retomou a quimioterapia, repetindo o protocolo utilizado anteriormente. As sessões semanais se mantiveram, houve um controle melhor dos episódios de vômito e diarreia, quando comparado ao primeiro ciclo e os tutores se mostravam aliviados pelo paciente manter a autonomia para movimentação e com o quadro de dor controlado.

Ao final do 3º ciclo de quimioterapia, notou-se novo aumento dos linfonodos, houve alteração do protocolo para Lomustina 70mg/m² VO, mas o paciente não reagiu bem à medicação e os tutores optaram pela descontinuação do tratamento quimioterápico. As sessões semanais foram mantidas, e o paciente manteve-se bem, com autonomia de locomoção até o fim de sua vida, no dia 09/08/2023, em casa, conforme vontade dos tutores.

Figura 4 – A: Fev/23 - cão apático, sem interesse em brincar. B: Jul/23 - 10 dias antes do óbito, cão ativo, com autonomia e brincando.



Fonte: Arquivo Pessoal (2023).

Discussão

Quanto mais cedo iniciarem-se os cuidados paliativos, melhores os resultados obtidos para o paciente e para a família, sendo ideal que o encaminhamento seja feito no momento do diagnóstico da doença ameaçadora da vida. (D'Alessandro *et al.*, 2023).

Considerando os princípios que direcionam uma abordagem paliativa na veterinária, é de grande importância o controle da dor. (Garcia; Gouveia; Beck, 2023). A maioria dos pacientes oncológicos sente dor em algum ponto durante o curso da doença, seja por consequência do próprio câncer, de alterações sistêmicas provocadas por ele, resultado de procedimentos diagnósticos ou tratamentos, incluindo agentes quimioterápicos específicos, como a Vincristina, que podem causar neuropatia periférica induzida (Ferreira *et al.*, 2017). Para o tratamento da dor oncológica, recomenda-se a utilização de anti-inflamatórios não esteroidais, com adição de opioides e medicações adjuvantes, como a gabapentina e associação de terapias complementares (Monteiro *et al.*, 2022)

No caso relatado, o paciente foi encaminhado para o tratamento paliativo somente quando o tratamento farmacológico isolado mostrou-se pouco eficiente para o controle da dor, resultando na piora do quadro locomotor. O animal já estava há 2 meses no estado de paresia, o que agravou a sarcopenia, devido ao desuso. No entanto, a associação com as técnicas de acupuntura e ozonioterapia, trouxeram melhoras visíveis já nas primeiras sessões: houve redução da sensibilidade à palpação, maior interesse do animal em alimentar-se e maior interação do animal com a família. Além do alívio da dor, a acupuntura trouxe controle das náuseas e diarreia, outros sintomas debilitantes, causadores de sofrimento para o paciente e para a família.

Também é considerado um princípio importante da abordagem paliativa, a oferta de um sistema de suporte que permita ao paciente viver de forma ativa, independente do tempo de vida e da resposta ao tratamento curativo da doença (Bishop *et al.*, 2016). As emoções e interações positivas, o aumento da atividade física, o comportamento lúdico e o reforço do vínculo entre o humano e animal são igualmente importantes, para o controle de dores crônicas e consequente melhora na qualidade de vida (Monteiro *et al.*, 2022), o que foi possível realizar no caso descrito. Um dos principais objetivos da família, no decorrer do tratamento, foi a melhora da qualidade de vida, que para eles, estava intimamente ligada à habilidade motora e independência do animal para locomover-se pela casa. A orientação do manejo adequado do animal quando ainda estava em paresia, e a fisioterapia, com os exercícios mencionados no relato, trouxeram resultados semanais, com a evolução percebida pela família com muito entusiasmo. O paciente recuperou a autonomia para realização das atividades após 12 sessões, manteve-se bem, e, segundo a percepção da família, voltou ser ativo e alegre como era antes do câncer, permanecendo assim mesmo durante o segundo ciclo de quimioterapia.

Outro fator essencial é a humanização da relação veterinário-família, que demanda habilidades de comunicação verbal e não verbal, compaixão, sensibilidade e escuta ativa (Carvalho *et al.*, 2018). Durante as sessões semanais, houve criação de vínculo com a família, e por isso foi possível entender o contexto em que o animal estava inserido, o que ele representava para a família, o nível de conhecimento que tinham sobre a doença e sobre a evolução do animal, o que consideravam bem estar e sofrimento, refletindo uma sensação de acolhimento, verbalizada pela família.

Conclusão

Os cuidados paliativos são essenciais para manutenção de qualidade de vida de pacientes com diagnóstico de doenças ameaçadoras da vida, como o câncer, visando a dignidade e o bem estar, não só durante o tratamento modificador da doença, mas também na fase de terminalidade e no luto da família.

A medicina integrativa tem um papel fundamental neste cenário, como demonstrado no presente relato. As sessões de acupuntura, ozonioterapia e fisioterapia, mostraram-se eficientes no controle da dor e dos sintomas debilitantes causados pela quimioterapia, promoveram qualidade de vida do paciente e trouxeram acolhimento e alívio ao sofrimento familiar.

Referências

- BISHOP, G.; COONEY, K.; COX, S.; DOWNING, R.; MITCHENER, K.; SHANAN, A.; SOARES, N., STEVENS, B., WYNN, T. 2016 AAHA/IAAHPC end-of-life care guidelines. **Journal of the American Animal Hospital Association**, v. 52, n. 6, p. 341-356, 2016. Disponível em: http://www.aaha.org/wp-content/uploads/globalassets/02-guidelines/end-of-life-care/2016_aaha_iaahpc_eolc_guidelines.pdf. Acesso em 15 jul. 2023.
- CABRAL, F.; SAVALLI, C. **Sobre a relação humano-cão**. *Psicologia USP*, v. 31, p. e190109, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/BJvpLMPJfmJSH6nLWYRVtft/?format=html&lang=pt>. Acesso em 20 jan. 2024.
- CARVALHO, R.; ROCHA, J.A.; FRANCK, E.M.; CRISPIM, D.H.; JALES, S.; SOUZA, M. **Manual da residência de cuidados paliativos: abordagem multidisciplinar [2.ed.]**. Santana de Parnaíba: Manole, 2022. 785p.
- D'ALESSANDRO, M.; BARBOSA, L.; ANAGUSKO, S.; MAIELLO, A.P.; CONRADO, C.; MESSIAS, A.; CASTRO, A. C.; OLIVEIRA, C.; ROLO, D.; LACERDA, F.; COELHO, F.; TUOTO, F.; COSTA, G.; CASSEFO, G.; MARAGNO, H.; SOUZA, H.; HOFFMANN, L.; LIMA, L. M.; AMORIM, M.; SILVA, M.; BEZERRA, M.; SILVA, N. M.; TOMAZELLI, P.; MORO, S. *Manual de cuidados paliativos [2ed.]*. São Paulo: Hospital Sírio Libanês; Ministério da Saúde; 2023. 424p. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/guias-e-manuais/2023/manual-de-cuidados-paliativos-2a-edicao/view>. Acesso em 07 jul. 2024.

FERREIRA, M. **Abordagem ao cão e gato com câncer: qual a visão do seu tutor?**. 2017.

Disponível em:

https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/152113/ferreira_mgpa_dr_jabo_par.pdf?sequence=5. Acesso em 06 abr. 2024.

FERREIRA, M. A. Q. B.; TEIXEIRA, M. N.; CARVALHO, C. C. D.; PAIVA, B. H. A.; SILVA, V. C. L.; FUKAHORI, F. L. P.; RÊGO, M. S. A.; DIAS, M. B. de M. C.; LIMA, E. R. Aspectos clínicos, hematológicos, bioquímicos e citopatológicos do tumor venéreo transmissível em cães tratados com sulfato de vincristina. **Medicina Veterinária**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 8–17, 2017. DOI: 10.26605/medvet-n1-1592. Disponível em:

<https://www.journals.ufrpe.br/index.php/medicinaveterinaria/article/view/1592>. Acesso em: 10 ago. 2024.

GARCIA, A. C.; GOUVEIA, J.; BECK, M. **Cuidados paliativos veterinários**. Alfenas, MG: UNIFAL, 2023. Disponível em: <https://www.unifal-mg.edu.br/bibliotecas/wp-content/uploads/sites/125/2023/01/Cuidados-Paliativos-Veterinarios.pdf> . Acesso em 10 nov. 2023.

GIUMELLI, R.; SANTOS, M. Convivência com animais de estimação: um estudo fenomenológico. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, v. 22, n. 1, p. 49-58, 2016.

Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-791883>. Acesso em 20 jan. 2024.

MONTEIRO, B.; LASCELLES, B.; MURRELL, J; ROBERTSON S. A.; STEAGALL P; WRIGHT B. Diretrizes da WSAVA de 2022 para reconhecimento, avaliação e tratamento de dor. **Journal of small animal practice. British small animal veterinary association**, 2022. Disponível em:

https://www.wsava.org/wp-content/uploads/2023/08/Portugues_2022-WSAVA-Diretrizes-de-dor.pdf. Acesso em 14 fev. 2024.

SHANAN, A.; AUGUST K.; COONEY, K.; HENDRIX, L.; MADER, B.; PIERCE, J. **2022 IAAHPC Animal hospice and palliative care guidelines**, p.52, 2022. Disponível em:

<https://iaahpc.org/veterinary-guidelines/general-practice-guidelines/> . Acesso em 10 jul. 2024.

VIEIRA, T.; CARDIN, V. Antrozoologia e Direito: o afeto como fundamento da família multiespécie.

Revista de Biodireito e Direito dos Animais, Brasília, v. 3, n. 1, p. 127-141, 2017. Disponível em:

<https://core.ac.uk/reader/210565230>. Acesso em 20 jan. 2024.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer imensamente aos tutores por permitirem a descrição deste relato referente ao caso de seu animal, que será sempre lembrado com muito carinho, uivando de felicidade aos nos receber, com o brinquedo de macaco na boca.